



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**ANDRÉA MARIÉ VIEIRA BEZERRA DE SOUSA**

**A SIMBOLOGIA DA SUPERAÇÃO EM O CHAPEUZINHO AMARELO QUE  
MUDOU DE TOM**

**GUARABIRA-PB  
NOVEMBRO/2018**

ANDRÉA MARIÉ VIEIRA BEZERRA DE SOUSA

A SIMBOLOGIA DA SUPERAÇÃO EM *O CHAPEUZINHO AMARELO* QUE MUDOU  
DE TOM

Artigo apresentado como trabalho de Conclusão de Curso ao Departamento de Letras, como requisito para à obtenção do grau de Licenciada em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Orientadora: Prof<sup>a</sup>Dr<sup>a</sup> Maria Suely da Costa

GUARABIRA-PB

NOVEMBRO/2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B574s Bezerra, Andréa Marié Vieira.  
A simbologia da superação em o Chapeuzinho amarelo que mudou de tom [manuscrito] / Andrea Marie Vieira Bezerra. - 2018.  
24 p. : il. colorido.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2019.  
"Orientação : Profa. Dra. Maria Suely da Costa, Departamento de Letras e Humanidades - CCHA."  
1. Literatura infantil. 2. Imaginário. 3. Superação. I. Título  
21. ed. CDD 808.068

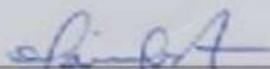
ANDRÉA MARIÉ VIEIRA BEZERRA DE SOUSA

A SIMBOLOGIA DA SUPERAÇÃO EM O CHAPEUZINHO AMARELO QUE MUDOU  
DE TOM

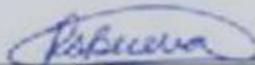
Artigo apresentado como Trabalho de  
Conclusão de Curso à Universidade  
Estadual De Paraíba para obtenção do  
Título de Licenciatura em Letras.

Aprovado em: 30 / 11 / 2016

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Maria Suelly da Costa  
(Presidente)



Profa. Dra. Rosilda Alves Bezerra  
(1ª Examinadora)



Profa. Me. Cláudia Mayara de Almeida Vasconcelos  
(2ª Examinadora)

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente, a Deus que me deu forças para enfrentar mais essa batalha.

À professora Maria Suely da Costa pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação.

Agradeço a minha mãe Maria vieira e ao meu esposo Efigênio por estarem sempre ao meu lado dando-me forças e incentivo para a finalização do meu curso.

Aos meus filhos Miguel e Ana Laura pelos dias que não pude dar atenção por estar desenvolvendo este trabalho.

Aos meus amigos que nunca me deixaram desanimar diante das dificuldades sempre com palavras amigas e carinhosas.

Agradeço aos meus colegas de trabalho pela compreensão e por minhas ausências.

Enfim, agradeço a todas as pessoas que fizeram parte dessa etapa decisiva em minha vida.

“Só és livre quando matas o medo que  
escraviza.”

Azagaia

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
A LITERATURA INFANTIL: aspectos contextuais.....	11
A SIMBOLOGIA DO MEDO EM <i>CHAPEUZINHO AMARELO</i> .....	12
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
REFERÊNCIAS.....	23

## RESUMO

O objetivo deste trabalho está em apresentar uma leitura da obra *Chapeuzinho Amarelo*, do escritor Chico Buarque, verificando o comportamento da personagem em relação ao medo. A escolha desta obra se justifica pelo fato desta se inserir no universo da literatura infantil e pautar em sua narrativa os elementos da magia e do medo, aspecto que atrai o leitor em formação. O livro mostra de uma forma lúdica e significativa a relação da personagem Chapeuzinho Amarelo com o medo existente, fazendo com que ela se isole do mundo, passando a viver apenas controlada por suas fobias. A obra foi analisada com apoio de pressupostos de Bettelheim (1996) Coelho (1999), Cunha (2003), Machado e Zilberman (2003), dentre outros. Observa-se nesta obra contemporânea a superação da menina ao enfrentar o medo transformando-o em motivos de risos, brincadeiras pondo em xeque problemas emocionais existentes no universo da magia do conto. A trama mostra que, ao encarar o medo, em vez de paralisar, levou a personagem à superação, escapando, com talento e coragem àquela situação opressiva criada.

**Palavras-chave:** literatura infantil. Imaginário. Superação

## 1 INTRODUÇÃO

Na literatura, o fator medo tem cada vez mais conquistado leitores. Desde a Antiguidade, o interesse pelo desconhecido leva o homem a criar lendas folclóricas e episódios mitológicos para explicar o que não entende ou conhece. De modo que o medo é real, embora a criatura que o provoca nem sempre seja.

Os contos de fada surgiram a partir de histórias populares contadas oralmente na Europa e em outras partes do mundo, na Antiguidade. Tais histórias, destinadas a adultos, faziam parte da cultura popular, e versavam sobre o medo assim como os mais diferentes temas, não sendo, de início, portanto, direcionadas à crianças. Essas histórias foram compiladas por diversos escritores e adaptadas ao público infantil, apenas a partir do século XVII, principalmente porque antes desse período não havia ainda uma ideia da infância como há hoje.

Somente no século XVII, as crianças passaram a ter um tratamento diferenciado. Elas eram enviadas para escolas para aprenderem como andar, falar e se portar bem, além de terem acesso a diversos conhecimentos. É nesse período que surge a literatura infantil, quando pesquisadores como Charles Perrault passam a compilar as histórias populares antes destinadas a adultos, adaptando-as à linguagem infantil. As histórias compiladas traziam elementos do mundo mágico (fadas, bruxas, magos etc) e, por isso, ficaram conhecidas como contos de fada.

Os contos de fada caracterizam-se, então, por serem narrativas em que os heróis ou heroínas enfrentam grandes desafios até chegarem a um final feliz, vencendo o mal. Caracterizam-se por trazerem aspectos do mundo da magia, tais como encantamentos, feitiços etc, e nuances do “maravilhoso”, tais como bichos falantes, tapetes voadores, permeando o universo imaginário infantil.

De modo que o mundo literário nos acompanha desde cedo e a literatura infantil sempre esteve presente. Ainda quando criança escutamos várias histórias fantásticas sobre princesas e príncipes, bruxas castelos, lobos e vários outros personagens. Observamos também que na maioria das histórias há um conflito existencial entre o bem e o mal.

Ana Maria Machado em seu livro *Como e porque ler os clássicos universais desde cedo* (MACHADO, 2002, p.18), fala sobre o imenso patrimônio literário que nós temos e dos valiosíssimos clássicos da literatura que herdamos no decorrer de longos anos, “sabe que é um legado riquíssimo, que se trata de um tesouro inestimável que

nós herdamos e ao qual temos direito. Seria uma estupidez e um absurdo não exigir nossa parte ou simplesmente abrir mão da parte que nos pertence”.

Ouvir e ler histórias é entrar em um mundo encantador cheio de mistérios aventuras e surpresas. Os contos sempre nos trazem alguns ensinamentos de vida e é através da exploração e da magia dessas obras que a criança passa a ter uma relação entre o real e o imaginário desenvolvendo o senso crítico e a transformação do saber, sendo a leitura de história um momento prazeroso para a criança onde ela pode conhecer melhor a sua forma de viver, de pensar e agir. Para Bettelheim (1996, p. 20),

enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece si mesma, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significado em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança.

Através da leitura as crianças passam também a conhecer outras culturas, costumes e comportamentos de outras culturas em outros tempos e lugares diferentes do seu. Como afirma Coelho (1999, p. 17), “As histórias são para a criança o que foram as parábolas de Cristo para os Cristãos, para os homens, sementes para germinar e frutificar”. A autora nos revela sobre a importância da literatura na vida de uma criança, as histórias contadas oferecem ao pequeno leitor ou ouvinte um conhecimento maior do mundo literário.

Quando passamos a conhecer melhor esse mundo literário muitas vezes nos deparamos com versões de algumas histórias. Um exemplo bem clássico dessas versões é a da *Chapeuzinho Amarelo* escrita por Chico Buarque ela é uma versão do famoso conto *Chapeuzinho Vermelho* de Charles Perrault. Em ambas as histórias a figura do lobo causa medo nas personagens e como elas superaram esse medo. Contudo, no texto contemporâneo, se inscreve um outro tom, sobre o qual versa esse estudo, cuja base teórica conta com estudos de Bettelheim (1996), Coelho(1999), Cunha (2003), Machado (2011), dentre outros.

Atemporal, o imaginário dos contos de fada até hoje continua encantando as crianças e têm tido uma grande importância na formação das mesmas. É a partir deles, através de uma abordagem lúdica aliada a elementos mágicos e maravilhosos, que a criança vai tendo contato com narrativas que abordam questões como: crise existencial, ganância, avareza, dentre outras, questões essas apresentadas de maneira metafórica e prazerosa, adaptadas ao universo da criança.

É importante ressaltar o valor educativo da magia do texto literário. Estes podem disseminar entre os pequenos leitores, valores diversos, ao apresentarem elementos simbólicos da beleza, da bondade, da maldade etc. Nesse ponto, eles podem ser aliados importantes, mas também podem auxiliar a disseminar ideias estereotipadas sobre pessoas e coisas. Assim, eles levam as crianças a se identificarem com determinados personagens enquanto rejeitam outros.

## **2 A LITERATURA INFANTIL: aspectos contextuais**

A literatura pode proporcionar, de forma prazerosa e relevante, contato com valores e reflexões humanísticas. De acordo com Candido (2002), a literatura possui uma função humanizadora, pois atua na formação do próprio homem, proporcionando o conhecimento do mundo e do ser que dele se apropria.

Contar e ouvir histórias sempre foram algo característico do homem, pois, além de ser um meio de transmissão de conhecimentos, as narrativas serviam também como um meio de comunicação. Através da oralidade, as contações de histórias acabaram dando origem à literatura popular. As narrativas não atingiram somente os adultos elas acabaram chegando também ao infantil. As crianças puderam apreciá-las através de contos e fábulas que acabou dando mais tarde origem a literatura infantil.

A literatura infantil surgiu no século XVII, foram escritos os primeiros livros destinados às crianças. Eles foram escritos com a função de ensinar valores e ajudar a enfrentar a realidade social. Nessa época, a criança era considerada um adulto em tamanho reduzido participando da vida adulta inclusive da sua literatura.

Somente no início do século XVIII, a criança passava a ser vista realmente como criança. De acordo com Zilberman (2003), a partir do século XVIII, iniciou-se o delineamento do conceito de infância, passando a considerar os aspectos físicos e mentais dos seres nesta fase da vida humana. Até então, as crianças eram tidas como “adultos em miniaturas”, não recebendo os cuidados atinentes à infância.

Antes a literatura infantil era dividida de acordo com a sua classe social. As crianças que faziam parte da burguesia liam grandes clássicos enquanto as mais pobres liam lendas e contos folclóricos (literatura de cordel) muito populares naquela época. O início da literatura infantil pode ser marcado com Perrault, entre os anos de 1628 e 1703, com os livros *Mãe Gansa*, *O Barba Azul*, *Cinderela*, *A Gata Borralheira*,

O *Gato de Botas* e outros. Depois disso, apareceram os seguintes escritores: Andersen, Collodi, Irmãos Grimm, Lewis Carrol, Bush.

No Brasil, início do século XX, surgia a literatura infantil sendo que ela estava ligada basicamente à escola e suas histórias eram adaptações e produções portuguesas. A literatura infantil com a própria produção de um brasileiro ocorreu por volta de 1921. Com a obra *A menina do narizinho arrebitado* do escritor Monteiro Lobato que direcionou suas obras ao público infanto-juvenil deixando esses leitores maravilhados instigando o imaginário entre o mágico e o real.

A literatura brasileira teve o seu auge na década de 1970, iniciando-se um novo período da literatura brasileira, uma literatura moderna. Nesse período, a produção literária voltada para as crianças tomou grandes proporções, com grande diversificação e aparecimento de novos autores, como Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Lygia Bojunga Nunes, Mário Quintana, Sidônio Muralha, entre outros. Muitos desses autores foram fortemente influenciados por Lobato (SANDRONI, 1998). As obras desses escritores proporcionaram um “Boom” literário. O conto *Chapeuzinho Amarelo* de Chico Buarque nasce nesta época parodiando o conto *Chapeuzinho Vermelho* de Charles Perrault.

O lançamento de *Chapeuzinho Amarelo* ocorre em 1979, ano que se insere no período que podemos definir como Ditadura Militar, período da política brasileira em que os militares governaram o Brasil. Caracterizou-se pela falta de democracia, supressão de direitos constitucionais, censura, perseguição política e repressão aos que eram contra o regime militar.

O espaço descrito em *Chapeuzinho Amarelo* é marcadamente psicológico, até mesmo pela presença do componente do qual a história se origina: o medo. É dessa mente amedrontada que ocorre a criação de atmosferas densas e conflituosas, projetadas sobre o comportamento da Chapeuzinho durante toda a história.

A republicação de *Chapeuzinho Amarelo*, em 1997, já acontece em um novo cenário político. Período denominado a Nova República, corresponde ao período que se seguiu ao fim da ditadura militar. É caracterizado pela ampla democratização política do Brasil e maior estabilização econômica.

O texto *Chapeuzinho Amarelo* assinala o começo do novo conto. Inicia fazendo alusão à fórmula “Era uma vez”, no entanto, provoca a imaginação do leitor, estimula o questionamento dos porquês da existência dos seus medos, instiga o lúdico num

jogo de palavras, sons e imagens, ensina a transformar o velho em novo num processo constante de renovação.

### **3 A SIMBOLOGIA DO MEDO EM *CHAPEUZINHO AMARELO***

O medo é uma característica do ser humano. Todos nós somos feitos de emoções seja elas positiva ou negativa. E o medo pode ser tanto pode ser positivo quanto negativo. O medo quando tem efeito positivo nos ajuda a ter mais cuidado com as coisas que estão ao nosso redor podemos dizer que ele é um instinto de autopreservação do ser humano.

O medo muitas vezes fortalece os nossos pontos fracos para vencermos os desafios que enfrentamos no nosso dia a dia. Quando este sentimento nos tira da zona de conforto e chega ao extremo sem apresentar nenhum perigo evidente podemos caracterizar como fobia. Sendo assim, o indivíduo passa a evitar o objeto que lhe causa o medo exagerado (CAMARA, 2013).

Na infância, o medo serve muitas vezes como uma proteção, pois ele passa a ser necessário para proteger a criança dos perigos existentes. Então, os medos da infância muitas vezes servem como estímulos e é através deles que um adulto pode perceber algo de errado que amedronta aquela criança.

Ainda na infância, as crianças a partir dos contos lidos ou contados passam a fantasiar as histórias em suas cabecinhas e faz aquela aproximação com o real dando vida a tudo. É através dessas histórias que as crianças passam a ter uma visão de mundo e se identificando muitas vezes com os personagens, sendo isso muitas vezes fundamental para o seu desenvolvimento emocional. O conto, portanto, é uma forma de interação entre o real e o imaginário. Aproxima as sensações muitas vezes sem vivenciá-las desenvolvendo a personalidade da criança.

Deste modo, pode se fazer uma comparação entre o Chapeuzinho Vermelho dos Irmãos Grimm e a Chapeuzinho Amarelo de Chico Buarque, uma vez que as duas obras têm o medo como fator de construção da narrativa, entretanto os medos são abordados sob diferentes perspectivas.

Em Chapeuzinho Amarelo há uma sensação que proporciona um estado de alerta demonstrado pelo receio de fazer alguma coisa, geralmente por se sentir ameaçado física e psicologicamente. Pavor é a ênfase do medo (CAMARA, 2013).

Esse medo é causado pelas reações químicas do corpo que surge com a descarga de adrenalina no organismo, provocando aceleração cardíaca e tremores. Tal sentimento provoca atenção exagerada a tudo que ocorre ao redor, como: depressão, pânico, entre outras reações.

Medo é uma reação que ocorre a partir do contato com algum estímulo físico ou mental (interpretação, imaginação, crença) gerando dessa forma uma resposta de alerta no organismo. Tal reação inicial provoca uma resposta fisiológica no organismo, que libera hormônios do estresse (adrenalina, cortisol), responsáveis por preparar as pessoas para lutar ou fugir. Já a resposta anterior ao medo é conhecida por ansiedade. Nesta, o indivíduo teme antecipadamente o encontro com a situação ou objeto que possa lhe causar algum mal. Sendo assim, é possível traçar uma escala de graus de medo, na qual o máximo seria o pavor e o mínimo, uma leve ansiedade (CAMARA, 2013).

No que diz respeito ao medo, essa sensação pode se transformar em uma doença quando evolui para a fobia e passa a comprometer as relações sociais e a causar sofrimento psicológico. A técnica mais utilizada pelos psicólogos para tratar o medo se chama dessensibilização sistemática. Esse medo se constrói de forma gradativa se iniciando de modo leve com a ansiedade até o pavor, e, progressivamente, o paciente vai sendo encorajado a enfrentar o medo. Nesse processo, o paciente passa, gradativamente, por um processo de reestruturação cognitiva em que ocorre uma reaprendizagem ou ressignificação, da reação que anteriormente gerava a resposta de alerta no organismo para uma reação mais equilibrada. Constitui não só um mecanismo de aprendizagem, mas também evolutivo de sobrevivência da espécie e do indivíduo particularmente (CAMARA, 2013).

Nesse sentido, Machado (2011, p.175-176), afirma que ainda não sendo possível garantir certeza na afirmação, há uma probabilidade de o medo estar presente nas origens das mais antigas narrativas que a humanidade produziu, ajudando a gerar relatos tanto factuais quanto histórias inventadas. Para a autora,

...Seguramente o medo está presente de forma muito intensa nos contos populares tradicionais e nas histórias de fadas que, pelos séculos afora, vieram sendo narrados às crianças. Monstros, gigantes, lobos maus, feiticeiros, animais sobrenaturais, bruxas, demônios, reis cruéis repertório dos causadores do medo é imenso e inesgotável...

Tratando-se da obra de Chico Buarque, a escolha da cor amarela apresenta valor simbólico, apresentando uma dupla face, que ser entendida como algo

conflitante. Conforme Chevalier e Gheerbrant (2007), o amarelo mostra-se como a mais quente, a mais expansiva, a mais ardente das cores, pelo fato de mostrar-se visualmente intenso, violento, amplo e cegante como em fluxo de metal em fusão. Ainda há outra leitura possível, é possível associá-lo à parte intelectual da mente e à expressão de nossos pensamentos, relacionadas ao poder de discernir, de decidir e à capacidade de julgar, assimilar ideias inovadoras, bem como à habilidade de ver e compreender diferentes pontos de vista.

Na obra de *Chapeuzinho Amarelo* escrita por Chico Buarque, a sensação do medo é uma prova de fogo vivida pela personagem. O que mais amedrontava a menina era o medo de se deparar um dia com um lobo. O conto criado na época da Ditadura Militar faz uma ligação com o momento político daquele período. Buarque dá ênfase ao medo no conto para mostrar como as pessoas se sentiam naquela época e a figura do lobo trata-se da opressão vivida por todos. Zilberman (2003) faz uma análise da obra destacando:

O processo é mais complexo quando se trata de uma literatura de denúncia social. Trata-se, neste caso, de incorporar dados à interioridade do livro infantil, que os renegou por muito tempo. Por isso, sacode com as estruturas literárias, que precisam ser acomodadas à nova situação (ZILBERMAN, 2003, p. 191).

Através da análise de Zilberman(2003), podemos ver o lobo como elemento simbólico na história, já que ele sempre fez parte das histórias infantis e a menina medrosa passa a fazer parte de uma denúncia social.

Assim, considerando o momento histórico vivenciado no país na década de 1970, o autor passa a lançar o medo na *Chapeuzinho Amarelo* transformando esse sentimento em algo exagerado deixando a menina, por um momento, representar uma pessoa enfraquecida pelas suas fobias. Esse medo exagerado é denunciado logo no início do texto quanto o narrador fala: “Era a Chapeuzinho Amarela / Amarela de medo / Tinha medo de tudo aquela, Chapeuzinho”(BUARQUE, 2011, [s.n.].

O próprio nome amarelo já demonstra o sentido e distância do texto *Chapeuzinho Amarelo* do clássico *Chapeuzinho Vermelho*. A mudança do nome da menina chama de forma significativa a atenção para o termo amarelo. Ao passo que o vermelho define a maturidade, a sexualidade, em nossa cultura, o amarelo significa o medo, desconforto, covardia.

Conforme Cunha (2003, p. 89), “[...] o amarelo sugere-nos o desagradável; falamos, por exemplo, em ‘sorriso amarelo’ (de desconforto), em pessoa amarelo (de

susto, de anemia)”. O medo sentido pela menina era algo desagradável e a impedia de fazer muitas coisas como se divertir. Podemos identificar essa afirmação através dessa outra passagem:

Já não ria  
Em festas não aparecia  
Não subia escada, nem descia  
Não estava resfriada, mas tossia  
Ouvia conto de fada, e estremecia  
Não brincava mais de nada, nem de amarelinha

O terno negativo, “não”, repetido várias vezes no texto, mostra a fobia que personagem Chapeuzinho Amarelo tinha diante das coisas mais simples da vida de uma criança. Devido ao medo excessivo, a menina passou a se excluir da sociedade as expressões “já não ria” e “em festas não aparecia” revelam a exclusão social por parte da própria personagem.

Muitas vezes as proibições por parte dos adultos fazem com que as crianças se tranquem em seu mundo podendo até se isolar do seu convívio e esse medo deixa a criança imóvel passando a não fazer certas coisas. Isso fica claro no trecho a seguir:

Não ia para fora para não se sujar  
Não tomava sopa para não ensopar  
Não tomava banho para não descolar  
Não falava nada para não engasgar  
Não ficava em pé com medo de cair  
Então vivia parada, deitada, mas sem dormir, com medo do pesadelo  
Era a Chapeuzinho amarelo...

A partir deste trecho, podemos ver que a personagem em muito não se parece com a imagem da Chapeuzinho Vermelho. Por passar a conhecer várias histórias principalmente *Chapeuzinho vermelho* e tantas outras tendo como personagem temeroso o lobo, a Chapeuzinho Amarelo tinha uma grande visão de mundo e por isso ela passou a temer o Lobo Mau. O que mostra que a menina já tinha contato com os medos presentes nos contos de fadas, com destaque para sua fobia em relação ao lobo, assim como daquilo que talvez não existisse:

O medo mais que medonho era o medo do tal LOBO.  
Um LOBO que nunca se via,  
quemorava lá pra longe,  
do outro lado da montanha,  
num buraco da Alemanha, cheio de teia de aranha,  
numa terra tão estranha,  
que vai ver que o tal do LOBO nem existia.

No decorrer da história a personagem passa por um processo de metamorfose em que esta deixa os seus medos de lado e entra em contato com o LOBO, o ocorrido deu-se por algo engraçado, uma que ela “foi perdendo aquele medo / O medo do medo do medo / De um dia encontrar o LOBO” (BUARQUE, 2011, [s.n.]).

A partir desse trecho, a personagem começa a se sobrepor enfrentando os seus medos e suas angústias. Desse modo, a menina passa a encarar firmemente aquela figura que lhe fazia tanto medo. A história chega ao ponto máximo, momento em que a figura do lobo é ridicularizada.

À medida que garota entra em contato com o lobo, os seus medos são diluídos. O medo existente daquele personagem/lobo, provocado através de suas fantasias, era maior que quando se deparou de verdade com figura do lobo. Aquele sentimento de medo vai se acabando até a se diluir por completo. Encontramos a diluição desse medo na seguinte passagem:

foi perdendo aquele medo:  
o medo do medo do medo do medo que tinha do LOBO.  
Foi ficando só com um pouco de medo daquele lobo.  
Depois acabou o medo e ela ficou só com o lobo.

Depois daquele encontro, Chapeuzinho começou a ver a vida com outros olhos e se libertou daquele mundo fantasioso juntamente com a sensação de medo. A partir de então, ela passou a ver o mundo de uma forma mais interessante e o lobo, aquele animal imaginado como terrível, passou a ser visto pela garota como um animal qualquer.

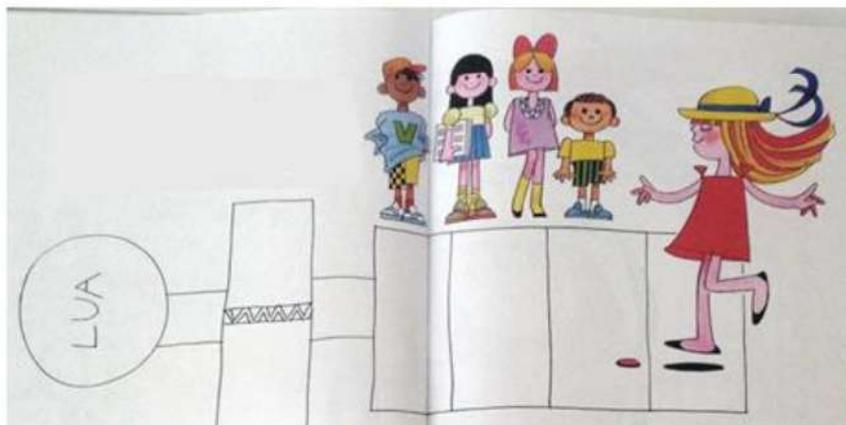
No decorrer do texto, a termo medo usado no trecho acima, foi se degradando: “o medo do medo do medo”; “Foi passando aquele medo do medo que tinha do lobo”; “Foi ficando só com um pouco de medo daquele lobo”. Até ser eliminado da frase: “Depois acabou com o medo e ela ficou só com o lobo”. “A frase e ela ficou só com o lobo.” Mostra o amadurecimento da menina Chapeuzinho que antes de “amarelar”, mudou de tom, enfrentando e superando toda aquela sua angústia. Porém, uma vez não mais aterrorizar a menina e ser ridicularizado o lobo passa a ficar chateado com a atitude da menina:

O lobo ficou chateado  
de ver aquela menina  
olhando pra cara dele,  
só que sem o medo dele.  
Ficou mesmo envergonhado,  
triste, murcho e branco azedo,

porque um lobo, tirado o medo,  
 é um arremedo de lobo.  
 É feito um lobo sem pelo.  
 Lobo pelado

O lobo ainda chateado não se dá por vencido e tenta reverter à situação a qualquer custo soltando um grito “EU SOU UM LOBO!” Contudo a personagem não se deixa intimidar diante daquele animal e continua ainda cheia de coragem. De uma forma irônica, Chapeuzinho deixa o lobo ainda mais irritado fazendo com que ele berre “EU SOU UM LOBO!!!” A menina, já saturada daquele animal faminto totalmente, dona de si e de seus sentimentos se revela autoconfiante. O autor usa a palavra “enjoada” para mostrar que a menina está encorajada, determinada, audaciosa e forte para enfrentar qualquer coisa que esteja por vir. A ilustração que segue demonstra a superação da menina tornando-se uma garota alegre, descontraída e fazendo parte das brincadeiras juntamente com outras crianças:

Figura 1 – Chapeuzinho Amarelo voltando ao seu convívio social.



Fonte: Buarque, 2011.

Conforme Oliveira (apud WALTZ; FONSECA; CURY, 2000, p.68), ilustrador de livro infantil afirma que

O ilustrador não ilustra apenas o que acontece literalmente, mas sim ele representa também os fatos visuais poéticos que poderiam acontecer. Uma ilustração adequada jamais é a história do texto. A sua perenidade na memória da criança será melhor obtida quando o ilustrador materializa na imagem aquilo que é inexprimível pela palavra.

A ilustração<sup>1</sup> é um fator muito importante de um livro infantil ou juvenil, uma vez que demonstra o poder de investimento do leitor, que assim como o escritor podem se apropriar das imagens para ler o mundo. No caso da obra de Chico Buarque, a escolha da cor amarela apresenta valor simbólico, apresentando uma dupla face, até certo ponto conflitante. Há situações que amedrontam, daí o uso da forma verbal “amarelou” quando alguém deixa de enfrentar ou se retrai ante um desafio. Mas, por outro lado, possível também associá-lo à parte intelectual da mente e à expressão de nossos pensamentos, relacionadas ao poder de discernir, de decidir e à capacidade de julgar, assimilar ideias inovadoras, bem como à habilidade de ver e compreender diferentes pontos de vista.

Com efeito, a Chapeuzinho Amarelo não apenas superou o medo do lobo como também passou a ter mais confiança em si próprio abandonando as suas inseguranças e trazendo para si uma nova realidade. Diante dos fatos ocorridos podemos destacar algumas inversões de valores entre os dois personagens, sendo assim, o lobo passou de assustador para decepcionado e a Chapeuzinho Amarela passou de medrosa para audaciosa. A menina deixou para trás aquelas características físicas e sociais que a deixava impotente.

A superação do medo torna-se ainda mais forte quando chapeuzinho confronta o ex-vilão. Isso se dá através da repetição da palavra LOBO. No intuito de amedrontar a menina o animal passa a gritar o seu nome através da repetição silábica “...lo-bo-lo-bo-lo-bo-lo-bo-lo...” E de uma forma estética, a repetição silábica é transformada imediatamente de “lobo” para bolo.

Mais uma vez a menina mostra ao lobo que o seu medo realmente não existe mais quando ela corajosamente ordena-lhe:

Pára assim!  
Agora já  
Do jeito que você ta!  
E o lobo parado assim  
Do jeito que o lobo estava  
Já não era mais um LO-BO  
Era um BO-LO.  
Um bolo de lobo fofo,  
tremendo que nem pudim,  
com medo de Chapeuzim.  
Com medo de ser comido  
com vela e tudo, inteirim.

<sup>1</sup> Apesar de considerar a relevância das ilustrações no corpo da obra, esclarecemos que esse estudo esteve direcionado para o texto verbal, não sendo, pois, a ilustração um objeto de estudo aprofundado.

com vela e tudo, inteirim.

Naquele momento, parado do jeito que estava o lobo vira bolo. A inversão de valores surge outra vez quando o lobo teme em ser comido pela Chapeuzinho. As palavras “chapeuzim” e “inteirim” foram criadas para caracterizar uma sonoridade com a palavra pudim e ao mesmo tempo para ironizar a figura do lobo. Contudo, a personagem não comeu aquele bolo, pois preferia um bolo de chocolate:

Chapeuzinho não comeu  
aquele bolo de lobo,  
porque sempre preferiu  
de chocolate.  
Aliás, ela agora come de tudo,  
menos sola de sapato.

Ao se libertar do medo, a personagem ganha outra vida, outro tom. O autor não se refere mais a menina com a palavra “amarelo”, pois ela estava diretamente ligada ao medo existente por parte desta em relação ao lobo. A partir de então, passa a chamá-la de “menina” ou “chapeuzinho”. Dessa forma a garota passa a se libertar do nome que lhe aprisionava à uma condição e começa a se entrosar com outras crianças. Assim também a mudança de cor na pele da menina de amarelada para vermelhada demonstra definitivamente que o medo não existe mais:

Não tem mais medo de chuva  
nem foge de carrapato.  
Cai, levanta, se machuca,  
vai à praia, entra no mato,  
trepas em árvore rouba fruta,  
depois joga amarelinha  
com o primo da vizinha,  
com a filha do jornaleiro,  
com a sobrinha da madrinha  
e o neto do sapateiro.

No final do livro, verifica-se que tudo aquilo causava medo na menina transforma-se em companheiro:

Mesmo quando  
Está sozinha,  
Inventa  
Uma brincadeira.  
E transforma  
Em companheiro  
Cada medo que ela tinha:  
O raio virou o orrái,  
Barata é tabará,  
A bruxa virou xabru  
E o diabo é bodiá.

Ah, outros companheiros da Chapeuzinho Amarelo: o Gãodra, a Jacoru, o Barão-Tu, o Pão Bichôpa e todos os trosmons.

Diante da inversão dos nomes percebemos que o medo não é mais problema para Chapeuzinho e tudo aquilo que lhe causava medo hoje nada mais confere.

Desse modo, de forma bem humorada, as aventuras de uma menina que tinha medo de tudo é ressignificada. Verifica-se, pois, que a obra *Chapeuzinho Amarelo* trás uma reescrita diferenciada do conto tradicional *Chapeuzinho Vermelho*. A versão contemporânea da menina medrosa que isola do mundo, por sentir fobia de tudo e por isso nem brincava de tanto medo, é superada, dando a esta possibilidade de usufruir dos prazeres da infância.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A temática do medo sempre teve espaço na literatura e conquistado muitos leitores. O portador do medo, enquanto uma reação neurológica quando se está diante de uma situação de ameaça real, reage natural e automaticamente para se defender ou fugir. Porém esse tipo de reação pode ser ativada por uma interpretação do que está acontecendo, que pode ser falsa. Daí possibilitar modos de agir diversos.

Analisar a representação do medo na história de *Chapeuzinho Amarelo* de Chico Buarque possibilitou verificar o verdadeiro sentido da palavra “amarela” ao representar o medo exagerado sentido pela personagem. Ao colocar em evidência que ela não brincava, não se divertia, não comia e nem dormia, o autor mostra como era o medo imaginário sentido pela menina diante das coisas mais simples da vida.

Diferentemente da narrativa de *Chapeuzinho Vermelho* de Perrault, em que o lobo domina a situação com características de maldade e agressividade sobrepondo a ingenuidade da menina, deixando-a totalmente dominada precisando de ajuda para enfrentá-lo, a personagem Chapeuzinho Amarelo, por ter conhecimento dos contos infantis, passou a transformar as fantasias existentes nos contos em realidade, sendo assim, ao se deparar com o lobo o enfrentou e driblou os seus medos sozinha, deixando-o até zangado por tomar coragem ao enfrentá-lo.

Tinha medo de tudo, aquela "Chapeuzinho", principalmente de encontrar o lobo, que ela nem sabia se existia. Até que um dia, a menina de chapéu amarelo encontrou o lobo e foi perdendo o medo, do medo, do medo que tinha. O medo sentou-se no chão e ela aproveitou para ficar só com o Lobo.

Essa superação fez dela uma menina corajosa e audaciosa. De forma que o medo desta vai sumindo de forma gradativa. O jogo de palavras entre “LOBO” e “BOLO” mostra que a menina perdeu o medo definitivo do lobo que tanto a amedrontava. Essa mudança se expressa no seu tom, uma vez que os seus medos saindo da sua zona de conforto, ela perde a cor amarelada e adquire uma face com tom mais corado.

A literatura cumpre também a função de levar o leitor a uma viagem para dentro de si próprio conquistando a superação, ao observar que aquilo que nos dá a ideia que é assustador, quede tanto, a exemplo da palavra lobo ser pronunciada na história e acabar se transformando na palavra bolo. Chico Buarque vai desconstruir essa ideia, ao apresentar meios para que a criança enfrente seus medos, e o faz de modo muito criativo: por meio da linguagem estética, utilizando-se da alternância silábica para figurar uma “libertação” do medo que a Chapeuzinho sente.

Do ponto de vista do leitor, ler um conto de fadas para uma criança, ou deixar que ela o leia sozinha é importante para auxiliar no desenvolvimento da imaginação e da fantasia. Esses elementos são essenciais para o universo infantil, uma vez que servem como mediação entre a criança e a realidade, atuando na resolução de conflitos e na estruturação da personalidade, através dos simbolismos representados pelos personagens.

Do ponto de vista educativo, o livro em questão possibilita compreender que o medo não serve como instrumento de educação. Educar através do medo é anular a personalidade da criança e as tornam incapazes de tomar decisões por elas mesmas. Exatamente por superar o medo é que foi possível estabelecer o diálogo e conquistar a confiança.

A narrativa mostra que, ao encarar o medo, em vez de paralisar, levou a personagem à superação, escapando, com talento e coragem aquela situação opressiva que ela mesma criara para si. Passando, pois a desprezar as garras e passando a considerá-las inofensivas o que a levou a atingir a liberdade.

## **ABSTRACT**

The objective of this work is to present a reading of the play ChapeuzinhoAmarelo, by the writer Chico Buarque, verifying the behavior of the character in relation to fear. The

choice of this work is justified by the fact that it is inserted in the universe of children's literature and guides in its narrative the elements of magic and fear, an aspect that attracts the reader in formation. The book shows in a playful and meaningful way the relation of the Little Red Riding Hood character with the existent fear, causing that it is isolated of the world, happening to live only controlled by his phobias. The work was analyzed with the assumptions of Bettelheim (1996) Coelho (1999), Cunha (2003), Machado and Zilberman (2003), among others. It is observed in this contemporary work the overcoming of the girl when confronting the fear transforming it into motives of laughter, jokes putting in check emotional problems existing in the universe of the magic of the story. The plot shows that, when faced with fear, instead of paralyzing, it led the character to overcoming, escaping with talent and courage to that oppressive situation created.

**Keywords:** children's literature. Imaginary. Overcoming

## REFERÊNCIAS

BETTELHEIM, B. **A psicanálise nos contos de fadas**, 11.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. P 11- 43

BUARQUE, Chico. **Chapeuzinho Amarelo**. 36p. Ilustrações de Ziraldo. José Olympio Editora, RJ, 2011. Disponível em: <[http://degusteliterario.blogspot.com/2011/11/chapeuzinho-amarelo\\_22.html](http://degusteliterario.blogspot.com/2011/11/chapeuzinho-amarelo_22.html)>. Acesso em: 15 nov. 2018.

CAMARA, Tania Maria Nunes de Lima. **CHAPEUZINHO AMARELO: TEXTOS E CONTEXTOS. Anais do SILEL**. Volume 3, Número 1. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Uberlândia: EDUFU, 2013.

CANDIDO, Antonio. "A literatura e a formação do homem". In: **Textos de intervenção**: seleção e notas de Vinícius Dantas. São Paulo: Duas Cidades, Ed: 34, 2002.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

COELHO, Beth. **Contar histórias uma arte sem idade**. 10ª edição. São Paulo: Ática, 1999.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil: teoria e prática**. 18. ed. São Paulo: Atica, 2003.

MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MACHADO, Maria Zélia Versiani (orgs.). **Escolarização da leitura literária**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

SANDRONI, Laura. "De Lobato à década de 1970". In: SERRA, Elizabeth D'Angelo (Org.). **30 anos de literatura para crianças e jovens: algumas leituras**. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1998.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 2003.

WALTY, Ivete Lara Camargos; FONSECA, Maria Nazareth Soares; CURY, Maria Zilda Ferreira. **Palavra e imagem: leituras cruzadas**. Belo Horizonte, Autêntica, 2000.